



Ataques woke na arte e na educação

Woke attacks on art and education

Ana Amália Tavares Bastos
Barbosa¹

José Minerini Neto²

¹ Pós-doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP, artista plástica e arte/educadora. Pesquisadora independente, aatbbl@gmail.com.

² Doutor em Artes Visuais pela ECA USP. Professor no Departamento de Artes Plásticas CAP ECA USP, j.mneto@usp.br.

Resumo |

Este ensaio trata do que se entende como movimento woke ou wokismo a partir do livro "A esquerda não é woke", escrito por Susan Neiman e publicado no Brasil em 2024. Tal movimento vem resultando em ataques a monumentos e obras de arte por causa da polarização político-partidária que está ocorrendo em vários países, inclusive no Brasil, interferindo em exposições de museus e centros culturais, assim como nas escolas, com ataques a aulas e professores. Por conta dessa constatação, é importante entender o que é woke para que professoras e professores busquem soluções respeitadas com todas e todos, sem excluir nada nem ninguém.

Palavras-chave: Woke; Wokismo; Ataques; Arte; Educação.

Abstract |

This essay discusses what have being understood as the woke movement or wokism based on the book "Left is Not Woke", written by Susan Neiman and published in Brazil in 2024. This movement has resulted in attacks on monuments and art works due to the partisan/political polarization that is occurring in several countries, including Brazil, interfering in museum and cultural center exhibitions, as well as at schools, with attacks on classes and teachers. Because of this finding, it is important to understand what woke is so that teachers can seek solutions that respect everyone and do not exclude anything or anyone.

Keywords: Woke; Wokism; Attack; Art; Education.

INTRODUÇÃO

Este ensaio é um convite para pensarmos juntos sobre problemas atuais nas aulas de Arte, tendo como objetivo entender o que vem se denominando movimento e ataques woke na arte e na educação.

De imediato, este texto começou como resenha do livro "A esquerda não é woke", escrito por Susan Neiman e publicado em 2023, com edição brasileira de 2024 feita pela editora Âyiné de Belo Horizonte, com tradução de Rodrigo Coppe Caldeira. Entretanto, no decorrer da resenha, percebemos que os exemplos citados pela autora se referem em grande maioria à política internacional, e se distanciam da intenção de entender o movimento woke nas instâncias da arte e da educação em sentido geral, mas também entre nós no Brasil. Por conta disso, e tamanha é a complexidade do tema, optamos por mudar o rumo para o formato ensaio.

A recente polarização política partidária entre esquerda e direita em vários países vem gerando ataques à cultura, trazendo consequências prejudiciais para o ensino e a aprendizagem da Arte. Nus artísticos foram vilipendiados, exposições foram fechadas, professoras e professores de Arte afastados da docência ao serem acusados de doutrinação ideológica, e materiais pedagógicos foram agredidos por estudantes, como se vê nas reproduções a seguir, nas quais o "Homem Vitruviano" de Leonardo Da Vinci teve a genitália coberta por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental (Figura 1).

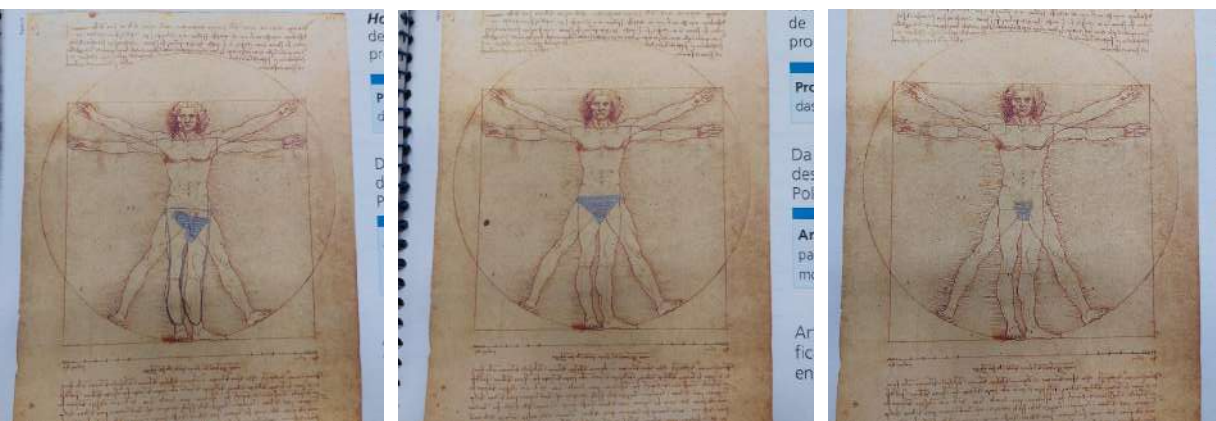


Figura 1- Reproduções do "Homem Vitruviano" de Leonardo da Vinci presentes em livro didático atacado por diferentes alunos entre 2023 e 2024. Imagens: acervo pessoal de José Minerini.

Isso posto, o que fazer para garantir a livre circulação da cultura, da arte e da arte/educação? Se uma arte/educadora ou arte/educador coloca imagem de nu em sua aula, alunos e familiares com comportamento/atitude de direita poderão atacar acusando-a /-o de exibir conteúdo impróprio e pornográfico em aula; se a mesma arte/educadora ou o mesmo arte/educador retira essa imagem da aula, alunos e familiares de pensamento de esquerda poderão acusar de censura na aula e na arte. O que fazer?

Citemos alguns exemplos de ampla repercussão, a começar pelo fechamento da exposição "Queermuseu: Cartografias da diferença na arte brasileira" no Santander Cultural de Porto Alegre; o cancelamento de exposição do coletivo holandês Atelier Van Lieshout, planejada pelo Museu do Louvre em Paris; ataques ao artista Wagner Schwartz e à mãe de uma criança que permitiu que sua filha tocasse em partes do corpo nu do artista enquanto performava no Museu de Arte Moderna de São Paulo, e o afastamento de professores da rede pública de Cambé, interior de Curitiba, porque fizeram exposição referente a violências, todos em 2017.

Tais ataques reverberaram ainda mais por conta das redes sociais e das *fake news*. Movimentos neoliberais como Brasil Livre (MBL) e Programa Escola sem Partido apoiaram esses atos, que levaram a Federação de Arte Educadores do Brasil, quando congregada na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a redigir e divulgar uma carta contra a censura nas aulas de Arte, que merece ser lida na íntegra:

CARTA A FAVOR DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA E CONTRA A SUA CENSURA

A Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB), entidade que há 30 anos representa os profissionais do ensino da área de Arte no país, em seu XXVII congresso anual, vem a público defender a liberdade de expressão artística, como garante a Constituição: "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença" (Art. 5º, IX). Destacamos que, em frente aos recentes

episódios de cerceamento e censura de manifestações artísticas e ao crescente discurso de ódio divulgado pelos meios de comunicação e redes sociais, urge nos posicionarmos e defendermos a área de conhecimento da nossa atuação profissional.

Defendemos a presença das artes na escola e nos demais espaços educacionais da sociedade, reconhecendo como princípios da educação o "pluralismo de ideias" e a "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber", conforme os incisos II e III do artigo 206 da Constituição Federal.

Acreditamos, juntamente com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que "a liberdade de expressão, em todas as suas formas e manifestações, é um direito fundamental e inalienável, inerente a todas as pessoas. É, ademais, um requisito indispensável para a própria existência de uma sociedade democrática" (Declaração de princípios sobre liberdade de expressão, 2000). Esse direito, que inclui a criação, a expressão e a difusão do pensamento, é reconhecido por inúmeras Declarações, Convenções, Resoluções, Pactos e outros instrumentos nacionais e internacionais.

A arte é um modo privilegiado que tem o ser humano de experimentar a liberdade de expressão. A arte faz parte da vida humana desde os tempos dos rituais ancestrais, celebrando, comunicando ideias, gerando significados. Hoje "está aí para fazer pensar e desestabilizar certezas", como diz Jane Felipe, professora da UFRGS (em entrevista a J. Azevedo e H. Vasconcelos, G1 RS. 11/09/2017). A arte contemporânea satiriza situações e condições; faz pensar em alternativas; critica; perturba; provoca mudanças. Dizia Paulo Freire, em Educação como Prática da Liberdade, que a pluralidade nas relações do homem com o mundo responde à ampla variedade dos seus desafios, não se esgotando num tipo padronizado de resposta. O conceito de pluralidade permeia o campo de conhecimento da arte-educação, no qual buscamos, cotidianamente, em espaços formais e não formais, promover uma educação igualitária e humana.

Diante desse sombrio cenário, a FAEB repudia veementemente as atitudes de intimidação e os discursos de

repressão a manifestações artísticas e defende a pluralidade, a diversidade e a coexistência das culturas, entendendo que liberdade de expressão é premissa para o pleno exercício da cidadania em uma democracia e que o acesso à arte e à cultura favorece a contribuição do cidadão crítico e participativo.

Campo Grande, 18 de novembro de 2017. (FAEB, 2017)

De lá pra cá, debates em sala de aula foram reduzidos, cerceando a liberdade de cátedra e o direito docente de definir conteúdo para as aulas de Arte, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular - BNCC Arte - determina competências e habilidades a serem desenvolvidas, mas não define quais temas e artistas devem ser trabalhados a cada ano da educação de base, o que é positivo e respeitoso com a diversidade cultural e artística do Brasil.

Tais atitudes vêm sendo tomadas muitas vezes pelos próprios professores, de modo que se protejam de tais ataques, os quais seguem acontecendo dentro e fora da escola, como os atos em Brasília em 8 de janeiro de 2023, que resultaram na depredação de elementos icônicos da arquitetura de Oscar Niemeyer e de obras de arte, como um relógio de Balthazar Martinot do século XVII; pinturas de Di Cavalcanti e Jorge Eduardo; murais escultóricos de Marianne Peretti e Athos Bulcão; esculturas de Victor Brecheret, Bruno Giorgi, Sonia Ebling, Frans Krajcberg e Alfredo Ceschiatti (Figura 2); ou a agressão em 23 de fevereiro de 2025 a Marcelo Rubens Paiva - autor do livro "Ainda estou aqui" cuja adaptação cinematográfica trouxe o primeiro Oscar para o Brasil - quando ele desfilava em São Paulo no bloco carnavalesco Acadêmicos do Baixo Augusta.



Figura 2 - Pintura de Di Cavalcanti (à esquerda) e escultura de Alfredo Ceschiatti (à direita) danificadas pelo ataque de 8 de janeiro de 2023 em Brasília. Imagem disponível em < <https://revistagalileu.globo.com/cultura/noticia/2023/01/quais-foram-as-bras-destruidas-no-ato-antidemocratico-em-brasilia.ghml> >, acesso em 26 de mar. de 2025.

Posto o problema, e com o intuito de contribuir para assegurar a liberdade artística e que o ensino e a aprendizagem da Arte sigam seus propósitos democráticos, torna-se relevante entender o que é o movimento woke, também denominado wokismo.

Woke é palavra inglesa derivada do verbo *wake* e significa estar atento a questões culturais e políticas com vistas à justiça social; no referente à polarização partidária recente, vem resultando em guerra cultural redutora de debates, danosa à circulação da arte e prejudicial ao seu ensino e aprendizagem, tanto na educação formal das escolas quanto na não-formal das instituições culturais e sociais.

A primeira vez que se tem registro dessa expressão foi em 1938 por conta da música "Scottsboro Boys" do bluesman Lead Belly³, composta para destacar que nove adolescentes negros foram injustamente condenados por estupros que nunca cometeram, sugerindo a expressão *woke* como estar atento

3. Ouça a música "Scottsboro Boys" em <https://www.youtube.com/watch?v=VrX-fkPViFIE>.

a sinais de injustiça e discriminação. Recentemente, tornou-se, segundo Susan Neiman, um problema ou fantasma usado por partidários da direita para reprimir reivindicações de justiça social, tornando o movimento woke de difícil delimitação.

Nascida em Atlanta/EUA, Neiman estudou filosofia, cursou doutorado em Harvard e, desde então, escreve sobre moral e política. Estudou também na Universidade Livre de Berlim e foi professora universitária em Yale e Tel Aviv. Atualmente, ela vive em Potsdam e atua como diretora do Einstein Forum.

Criada na Geórgia durante os Movimentos do Direitos Civis das décadas de 1950 e 1960, cujo objetivo era garantir direitos iguais a todas e todos, que contou com a participação de Martin Luther King Jr, Rosa Parks e Malcon X, foi a partir de então que a autora se voltou ao pensamento político de esquerda e sente-se feliz ao ser denominada esquerdista, socialista e contra o neoliberalismo atual. Susan entende que as aspirações da esquerda visam garantir direitos, tal qual preconiza a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, que destaca direitos políticos, culturais e, consequentemente, educacionais.

Constatados esses fatos, é que se fez e se apresenta a seguir o ensaio sobre o primeiro capítulo do livro "A esquerda não é woke", intitulado "Universalismo e tribalismo", com enfoque em seus aspectos culturais e artísticos. Os outros capítulos deste livro tratam de justiça, poder e progresso, intitulando o capítulo final com a pergunta "O que resta?", alinhando, assim, este ensaio à decisão de Susan Neiman de analisar o wokismo, pontuando perguntas e convites à leitora e ao leitor, de modo que pensemos juntos soluções em defesa da cultura, da educação e da arte, garantindo que estejam presentes na escola de modo respeitoso com todas e todos.

Entenda-se por universalismo a solidariedade internacional. Entenda-se por tribalismo o interesse restrito ao círculo de um indivíduo. Assim, Susan Neiman define universalismo e tribalismo

como introdução ao que ela entende por movimento e ataques woke no livro "A esquerda não é woke".

Oposto ao universalismo é o identitarismo reduzido a apenas duas dimensões do que se entende por identidade: raça/cor de pele e gênero. Em outro sentido, todos temos muitas outras identidades e nos definimos de diversos modos, a depender de contextos e situações, dentre eles classe social, nacionalidade, profissão, estado civil, credo, entre outros. Somos identificados, em determinado momento, como membros de uma família, em outro como profissionais, ou então como torcedores de um time de futebol etc., o que nos leva a deduzir que temos muitas identidades, a depender da situação identitária em que nos encontramos.

A consciência sobre a existência de muitas identidades leva ao empoderamento sobre quem se é, tanto em suas dimensões singulares quanto nos contextos sociais e universais. Qual é a sua nacionalidade? Qual é a sua raça? Qual é a sua identidade de gênero? Você se alinha politicamente com algum partido? Tem time de futebol "do coração"? Como você se define culturalmente? Qual arte te interessa? Tudo isso diz respeito à identidade em seus múltiplos aspectos.

Nas aulas de Arte é comum ouvir alguém referindo-se ao lápis de cor em tons de rosa como cor de pele. Esse é um indício de que por muito tempo se entendeu que apenas as cores claras e rosadas (Figura 3) eram sinônimo de cor de pele (raça) ou seja, apenas as pessoas de "pele branca" eram contempladas no universo artístico e, conseqüentemente, onipresentes e sem diversidade, o que é inadmissível se pensarmos nas discussões sobre colorismo racial. O mesmo se dá com a afirmação de que rosa é cor de menina e azul cor de menino (gênero).

A justa ampliação das compreensões sobre raça e gênero levou a importantes mudanças nos estudos sobre a história que, se tradicionalmente estudava o herói vitorioso, passou a analisar pontos de vista diversos e múltiplas identidades outrora apagadas. No universo da arte, por muito tempo, e talvez ainda hoje, estudamos no Brasil apenas a história da arte escrita

Figura 3 - À esquerda dois lápis de cor em tons de rosa e à direita caixa com lápis de cor com tons de pele. Imagem: fotografia dos autores.





Figura 4 - Imagem presente no "Manifesto pela representatividade de pessoas com deficiência no circuito das artes visuais" de Ana Amália e redigido por José Minerini, publicado originalmente pela Revista Rebento do Instituto de Artes da UNESP.

por homens, europeus e brancos, resultando no apagamento de outras tantas histórias da arte. Recentemente e com consciência sobre a limitação ao universo artístico europeu, livros e exposições de artistas mulheres, indígenas, negros e LGBTQIAP+ vêm sendo escritos e ocupando importantes museus e exposições pelo mundo; dimensões que ainda não abrangem toda a diversidade identitária pretendida, pois o mesmo não se vê acontecendo, por exemplo, com artistas com deficiência - cultura DEF.

Essa constatação levou os autores deste ensaio a redigirem em 2023 e publicarem em 2024 um manifesto em defesa da representatividade de pessoas com deficiência no circuito artístico (Figura 4).

O reconhecimento de que existem muitas identidades surge e se define como atos de justiça que, segundo Susan Neiman, condenaram muitas pessoas à morte duas vezes: a morte da carne e a morte da memória, por serem negras, mulheres, *queers*, deficientes e intersecções repletas de dor e sofrimento.

Por isso é mais do que urgente fazer reparações sobre tamanha exclusão, o que pressupõe incluir obras de arte não

só no circuito cultural, mas também educacional; o que vem tomando força no Brasil com a lei nº 10.639 de 2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira; com a lei nº 11.645 de 2008 que torna obrigatório o ensino de história e cultura indígena, e a lei nº 13.415 de 2017 que torna obrigatório o ensino de expressões regionais nas aulas de Arte, com a clara intenção de incluir nos estudos escolares toda a diversidade identitária do Brasil, de modo que a educação em geral e a arte/educação em particular sejam democráticas.

Uma das reações vistas após a morte de George Floyd nos Estados Unidos em 2020, e protestos relacionados ao movimento *Black Lives Matter* pelo mundo, foi o ataque a monumentos e obras de arte de cunho racista e escravocrata, destacando-se no Brasil o ocorrido com a estátua do bandeirante Borba Gato em São Paulo (Figura 5) por ele ter vínculo com a escravidão.



Figura 5 - Estátua de Borba Gato esculpida por Júlio Guerra em chamas, ataque assinado pelo grupo Revolução Periférica. Imagem: Gabriel Schlickmann/Ishoot/Estadão. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/07/25/quem-foi-borba-gato-estatua-de-bandeirante-incendiada-em-sp.htm> >, acesso em 26 de mar. de 2025.



Figura 6 - Retrato de Marielle Franco em escadaria de bairro em São Paulo atacado com tinta vermelha e frase defendendo Borba Gato. Imagem: Tiago Theodoro. Disponível em < <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/07/30/imagem-de-marielle-surge-cobertura-de-vermelho-com-mencao-a-borba-gato-em-sp.htm> >, acesso em 26 de mar. de 2025.



Figura 7 - Monumento a Carlos Mari-guella criado pelo arquiteto Marcelo Ferraz atacado com tinta vermelha. Imagem: Mídia Ninja no X. Disponível em <https://x.com/MidiaNINJA/status/1421195055780532231/photo/1>, acesso em 26 de mar. de 2025.

Esse ataque foi entendido como ato da esquerda política, porém, ataques da direita aconteceram na mesma época, destacando-se a tinta vermelha jogada sobre a imagem de Marielle Franco (figura 6) e no monumento erigido a Carlos Mariguella (figura 7) no local em que ele foi assassinado, ambos na cidade de São Paulo.

Esses exemplos reafirmam a guerra cultural politicamente polarizada no Brasil, atenta a interesses que contrariam autoridades, defendem a pluralidade de lugares de fala e a representatividade em instâncias sociais, em obras de arte e monumentos.

Frente a isso, o que arte-educadoras/es podem fazer para tratar da arte polarizada sem que sejam atacadas/os em aula por defensores tanto da direita quanto da esquerda? Apresentar ou não a estátua de Borba Gato? Apresentar ou não o retrato de Marielle Franco? Como fazer isso de modo democrático no qual alunos e seus familiares, professores e demais profissionais da educação sejam respeitados mesmo quando há discordância sobre fenômenos artísticos, pois é sabido que obras de arte são ao mesmo tempo estéticas e éticas, uma vez que tais aspectos são capazes de reafirmar ou contestar valores morais e sociais?

Susan Neiman deixa claro que a política identitária tornou-se tóxica uma vez que é defendida pela esquerda, e foi adotada pelo conservadorismo da direita que – segundo a autora – também é uma prática identitária. Por esse motivo, e mesmo sem consenso, ela prefere usar a palavra tribalismo, por remeter à barbárie polarizada e paradoxal em que vivemos, repleta de conflitos e contendas como colapsos civis.

Tendo como objetivo maior a representação de todas as categorias, identidades e identificações, partidos e classes sociais no poder, obras de arte entendidas tanto de direita quanto de esquerda devem estar presentes nas aulas de arte? Se temos como premissa a democratização da educação, da arte e da cultura, a resposta é sim; porém, tendo a clareza de que se trata de aula de Arte e não de Política, nem de Sociologia,

nem de Antropologia e áreas correlatas, embora saibamos que é da natureza da arte ser interdisciplinar e ter potência dialógica com essas e muitas outras áreas. Mas, mesmo assim, continuará a ser aula de Arte, cujas abordagens culturalistas podem atravessar - no sentido transdisciplinar - assuntos dos mais diversos, desde que não se perca a perspectiva artística.

Por outro lado, ser universalista significa reconhecer, valorizar e respeitar as diferenças entre as pessoas e as culturas, o que se pode compreender como postura multiculturalista, e que na organização de uma aula de Arte implica na escolha igualmente respeitosa de todas as imagens que serão apresentadas e analisadas com os estudantes, levando a entender essa prática como curadoria educativa culturalista; o que vem acontecendo também em museus com abordagens múltiplas sobre contextos culturais distintos.

Soma-se a isso o reconhecimento de outros valores além dos econômicos nas culturas que vêm se denominando como Sul Global, no qual países com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) situados sobretudo no hemisfério sul do Planeta Terra não devem ser medidos apenas pelos critérios econômicos, educacionais e de saúde, mas também culturais e artísticos, levando a questionar cânones presentes nas compreensões colonialistas sobre arte e cultura, que prestigiam itens oriundos da Europa e dos Estados Unidos.

Esses mesmos itens pautam currículos que formam artistas e arte/educadores nas universidades, tornando-os altamente versados em cultura europeia e norte americana; o que por si só faz necessário rever conteúdos, para que se cumpra a legislação supracitada, assim como se respeite a diversidade identitária, cultural e artística em suas dimensões singulares, ao mesmo tempo em que se inserem em contextos culturais e sem oprimir ou determinar perigosas escalas de valores que resultariam na falaciosa compreensão de desenvolvimento cultural; o que induz à compreensão de que existem culturas e artes superiores e inferiores. Cultura é cultura, arte é arte e todas devem ser tratadas sem hierarquizar valores. Exemplo famoso é entender como folclore, ou *naïf*, a arte feita pelo

povo como de menor qualidade, por ser distante dos saberes eruditos das universidades, ou por estar fora de países ou continentes economicamente dominantes.

Assim, não se pode impor uma cultura sobre outra, pois seria reafirmar e refazer a colonização, cuja imposição cultural levou a dizimar povos e a apagar identidades e suas artes. Exemplo é a arte barroca de preceitos europeus, mas que, por outro lado, adquire na América e na China características singulares, tidas como barroco mestiço pelo arquiteto e engenheiro argentino Ángel Francisco Guido, no que se refere ao barroco plateresco de países hispânicos na América Latina; conceito que pode se estender ao Brasil, uma vez que temos diferentes barrocos entre nós, por exemplo, o mineiro – repleto de talha dourada (Figura 8), e o paulista – repleto de talha policromada (Figura 9), o que por si só já os torna – embora barrocos – singulares e diversos.



Figura 8 - Talha dourada em igreja barroca de Minas Gerais. Imagem: Acervo pessoal de José Minerini.



Figura 9 - Talha sem douração em igreja barroca de São Paulo. Imagem: Acervo pessoal de José Minerini.

As questões identitárias em suas singularidades ou inseridas em contextos culturais trazem um problema para a BNCC – Base Nacional Comum Curricular. De acordo com sua denominação, todo o Brasil deve trabalhar os mesmos conhecimentos na Educação de Base. Porém, como tratar da diversidade e incluir expressões regionais em currículo nacional comum em um país de regiões culturais distintas, definidas por Darcy Ribeiro como Brasil sertanejo, Brasil crioulo, Brasil caboclo, Brasil caipira e Brasis sulinos? A solução encontrada na BNCC Arte para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental não determina o que deve ser ensinado, mas sim habilidades e competências a serem desenvolvidas para que se respeite a pluralidade cultural e artística no país.

Pensar em currículo como desenvolvimento de habilidades e competências pressupõe entender a educação como preparadora para a vida produtiva e contribuidora com o

desenvolvimento econômico do Brasil, o que reafirma a pauta neoliberal. Como fica então a educação em arte que é potencialmente crítica e que leva a questionar, através da estética e da diversidade, a parcialidade desses valores como redutores do amplo e digno direito à vida, além de suas instâncias produtivas, mas também como plenamente acessibilizada à arte e à cultura, tal qual previsto na Constituição Brasileira de 1988 ou mesmo em documentos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

Susan Neiman pontua que a esquerda virou tribalista e abriu mão do universalismo como direito de tudo para todas /os, o que é um de seus mais importantes pilares, e que essa virada é trágica porque movimentos anticolonialistas e defensores de direitos civis que historicamente se opõem ao pensamento tribal, este defensor de direitos apenas para um grupo restrito, elegeram recentemente presidentes em diversos países com discursos nacionalistas e voltados apenas aos interesses de seus pares. Com promessas de avanços econômicos, receberam apoio e voto de pessoas até então identificadas como de esquerda mas defensoras de valores não universais, entendendo, portanto, que apenas os argumentos de grupos específicos são sólidos. Pelo ponto de vista da arte, leva a expressões como "verdadeira arte" aquela vinda de padrões estéticos clássicos e miméticos de base greco-romana, a ponto de Donald Trump – presidente eleito pela segunda vez nos Estados Unidos em 2024 – decretar que órgãos públicos de seu país não devem ser abrigados em edificações com arquitetura brutalista, e ordenar que museus apresentem em suas exposições a grandeza dos Estados Unidos, o que, em si, é tribalista, como diz Susan Neiman, e segregador da diversidade estética, cultural e da própria humanidade.

Essa decisão de Trump sobre os museus acontece em um momento no qual obras de arte pilhadas e saqueadas por colonizadores e presentes em acervos de diversos países e continentes começam a ser devolvidas e reinseridas em seus contextos culturais originários ou próximos a eles, caso dos bronzes do Benin devolvidos pela Alemanha à Nigéria em 2022,



Figura 10 - Glicéria Tupinambá observa o manto que foi devolvido ao Brasil. Imagem: Renata Cursio Valente/ Setor de Etnografia e Etnologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional (URFJ). Imagem disponível em <https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2023/06/28/rarissimo-manto-tupinamba-que-esta-na-dinamarca-sera-devolvido-ao-brasil-peca-vai-ficar-no-museu-nacional.ghtml>, acesso em 04 abr. de 2025.

e o Manto Tupinambá devolvido pela Dinamarca ao Brasil em 2024 sob intermediação de indígenas (Figura 10).

Pelos pontos de vista tribal e universal, salvo saqueamentos e posses indevidas de bens culturais e artísticos, seria interessante manter em museus de outros países itens de culturas específicas? Essa é a premissa que justifica a fundação e a existência de museus enciclopédicos iluministas como o Britânico em Londres ou o Metropolitano de Nova Iorque, nos quais é possível conhecer culturas de diversos países em um mesmo lugar.

A concepção iluminista de que todos os povos e culturas são dignos e merecedores de respeito em suas singularidades não se sustenta em relação a muitos desses itens que, ao serem saqueados e levados para coleções museais, carregam consigo histórias de violação de direitos humanos.

Tal concepção corrobora com as muitas histórias da arte não europeias que vêm sendo construídas e escritas nessas primeiras décadas do século XXI e que são antirracistas, denunciadoras de misoginias e de fobias de gênero, etarismo e



Figura 11 - Imagem de obra da artista Martha Araújo em divulgação da exposição "Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985" realizada em 2018 na Pinacoteca do Estado de São Paulo com curadoria de Cecilia Fajardo-Hill, Andrea Giunta e Valéria Piccoli. Imagem disponível em <https://www.55sp.art/news/2018/8/13/mulheresradicais-napina/ameliatole-do>, Acesso 09 de abr. de 2025.

preconceito com pessoas com deficiência e cultura DEF, que se vê em exposições curadas e organizadas por quem tem lugar de fala nesses contextos (Figura 11).

Essas exposições vêm repercutindo nas aulas de Arte de professoras e professores em sintonia com as discussões atuais, o que se vê com certa frequência apresentado em palestras e comunicações de congressos de arte e de educação (Figura 12), que por vezes parecem muito mais encontros de antropologia e sociologia, uma vez que estes temas vêm sendo tratados em si e sem claro diálogo com a arte/educação. Parece óbvio, mas às vezes é necessário repetir o óbvio: nosso campo de atuação é a arte/educação, o que de algum modo nos protege de ataques woke que nos acusam de dar aula de religião porque apresentamos uma imagem renascentista cristã, ou de prática ideológica político-partidária porque apresentamos imagem de arte indígena contemporânea e suas relações com a natureza, a ecologia e o respeito aos direitos humanos e à diversidade cultural.

Ao reconhecer, respeitar e assegurar direitos humanos para todas as pessoas e culturas, se reconhece a existência de diferentes formas de governo, de diversas concepções de civilização, de virtudes e convicções religiosas distintas, de conhecimentos singulares. Assim, evita-se a imposição de uma cultura sobre a outra, embora se reconheça que existem trânsito e trocas entre culturas vivas, pois, a simples constatação de que culturas vivas se transformam justifica a coexistência entre tradições e inovações em uma mesma cultura. Exemplo



Figura 12 - Jiboia de papel kraft inspirada em obra da artista indígena Daiara Tukano feita por estudantes da Educação de Base de Juiz de Fora em Minas Gerais e exposta no XXXI ConFAEB - Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil - XI Congresso Internacional de Arte-educadores. Imagem: acervo pessoal de José Minerini.

notório é a utilização da língua falada que, enquanto viva, pode se transformar. As expressões em português “vossa mercê” e “você” explicitam tal constatação.

A falta de consciência sobre a diversidade humana é que leva, muitas vezes, a reações que atualmente são potencializadas por *haters* e pela proliferação de *fake news* e pós-verdades nas redes sociais, o que repercute em debates e análises de obras de arte e seus respectivos cancelamentos por quem não reconhece que existem culturas e conhecimentos distintos e diversos aos seus. É, sim, uma das funções da arte – e da educação – problematizar e discutir questões atuais de modo que o convívio social seja constantemente aprimorado para que se viva respeitosamente com as adversidades.

Nesse sentido, é muito mais válido debater qualquer assunto ou obra de arte do que simplesmente cancelá-los, como se viu em março de 2023 em uma escola da Flórida,

nos Estados Unidos, na qual a diretora ordenou a retirada da imagem do Davi de Michelangelo (Figura 13) das aulas de Arte por considerá-la pornográfica, o que deixou claro que ela nada entende de arte e nem de pornografia. Até mesmo Dario Nardella, prefeito de Florença – cidade italiana em que está essa escultura de Michelangelo – se pronunciou pelas redes sociais contra a posição da diretora. Disse o prefeito: “Confundir arte com pornografia é simplesmente ridículo”. Merece lermos e discutirmos com profundidade esses conceitos, presentes no livro *“The nude: a study of ideal art”*, publicado por Kenneth Clark, 1956, e que nunca recebeu edição no Brasil. Nele o autor defende que nu é uma modalidade artística criada pelos gregos, e que deve ser tratada com a mesma naturalidade e respeito com os quais tratamos retrato, paisagem, natureza morta etc.

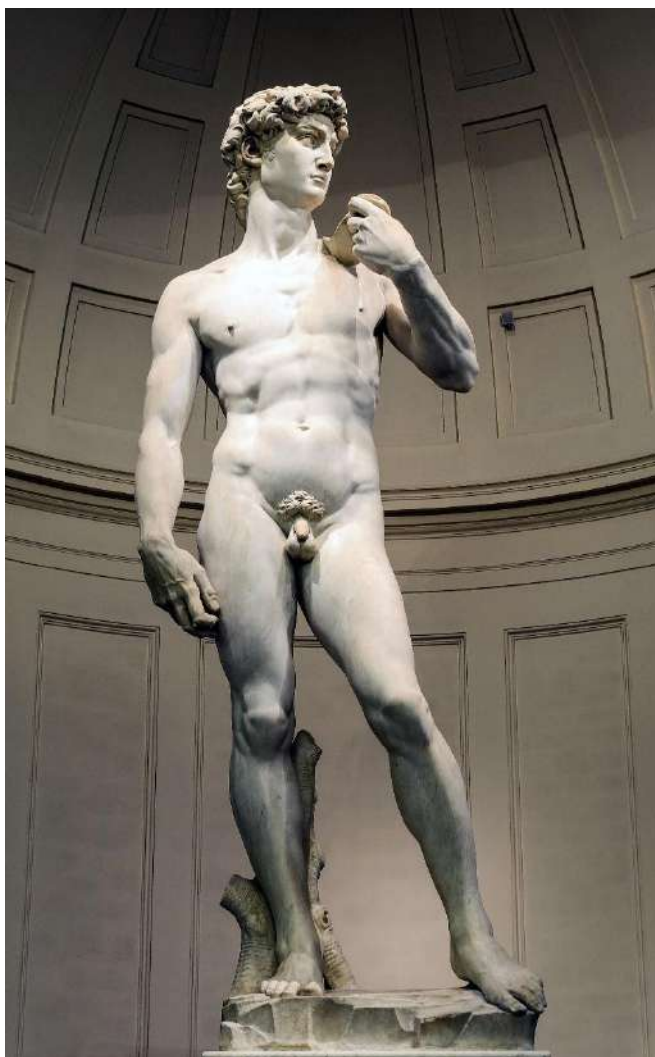


Figura 13 - Davi, Michelangelo, mármore, Academia de Belas Artes de Florença, 1501-1504. Imagem disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/84/Michelangelo%27s_David_2015.jpg, Acesso 09 de abr. de 2025.

Toda/o profissional da educação sabe que as fases da infância, da juventude e do desenvolvimento humano devem ser respeitadas, e é para isso que existem estudos sobre o assunto e o guia de classificação indicativa para conteúdo audiovisual no Brasil. Nesse sentido, não há censura, mas sim sugestão de classificação etária, de modo que se respeitem as diferentes etapas da educação; o que implica em escolher quais obras de arte são adequadas para cada ano, cada série escolar, assim como a seleção dos tópicos que serão explorados em aula de acordo com os objetivos pedagógicos pretendidos.

Postos os exemplos citados até aqui e que se encaixam no que se entende atualmente por wokismo, é sabido que ataques woke prejudicam, reduzem ou cancelam debates importantes para o respeito mútuo em tempos de decolonialidade. É importante destacar que a educação deve visar sempre a cultura da paz, mesmo quando há pensamentos divergentes e obras de arte que instigam e reivindicam a representatividade de locuções, manifestações estéticas e sociais distintas para reconhecimento respeitoso de todas e todos.

Como promover a paz na escola e fora dela? Certamente a arte tem enorme potencial para isso e sem excluir nada nem ninguém, pois, se assim fizermos, reproduziremos modelos colonialistas e opressores.

Educação comprometida com a paz, com o respeito e com a inclusão é entendida como educação democrática, na qual preconceitos e estereótipos devem ser combatidos à medida em que se reconhece que existem culturas distintas e obras de arte produzidas por elas no mundo todo. Pensemos no caso das máscaras africanas subsaarianas presentes em pinturas de Pablo Picasso, ou na estética marajoara presente em pinturas de Vicente do Rego Monteiro (Figura 14), que, de algum modo, foram validadas por esses artistas na Europa. Entretanto, os valores artísticos desses itens não dependem dessa validação, pois, devem ser reconhecidos pelos valores intrínsecos a eles: uma máscara fang ou uma cerâmica igaçaba marajoara possuem características estéticas próprias, o que as levaram a serem consideradas exóticas ou mesmo primitivas

por não serem europeias, o que, mais uma vez, demonstra a preocupante e injusta classificação hierárquica de culturas, artefatos e estéticas.



Figura 14 - Pintura de Vicente do Rego Monteiro com figura central referenciando cerâmica marajoara. Imagem disponível em <https://www.facebook.com/historiadaarteonline/posts/vicente-do-rego-monteiro-1899-1970-foi-um-pintor-brasileiro-seus-quadros-foram-e/1042654806207987/>, acesso 9 de abr. de 2025.

O erro recorrente de se entender que existem culturas e artes de civilizações mais ou menos desenvolvidas resulta da irresponsável transposição da teoria darwinista da evolução das espécies como teoria da evolução da cultura e da arte; postura certamente herdada do pensamento modernista vanguardista no qual, para ser moderno, era necessário evoluir, progredir; o que levou ao colapso ambiental atual e está presente como denúncia em inúmeras obras de arte contemporâneas e exposições recentes, como "Onde há fumaça: arte e emergência climática" (Figura 15), mostra temporária realizada no Museu do Ipiranga entre 5 de novembro de 2024 e 04 de março de 2025, com curadoria de Felipe Carnevalle, Vítor Lagoeiro, Paula Lobato e Marcela Rosenberg, todos integrantes do coletivo Micrópolis, que trabalha na proposição de transformações e vivências urbanas.



Figura 15 - Entrada da exposição "Onde há fumaça: arte e emergência climática", Museu do Ipiranga, 2024-2025. Imagem: acervo pessoal de José Minerini.

Organizada em cinco segmentos, essa exposição tratou da monocultura, da domesticação, da pavimentação, de transbordamentos e da força geológica, itens urgentes neste tempo em que vivemos de importante consciência sobre a preservação do meio ambiente, mas que podem desencadear ataques de defensores do agronegócio, preocupados com a rentabilidade oriunda dos recursos naturais.

Como dar aula sobre a importância da conservação da natureza em escolas nas quais estudam filhas e filhos de quem pratica o desmatamento e, disso, sobrevivem?

Esta pergunta justifica a origem do grupo "Mães do agro", que chegou a ir ao Ministério da Educação em Brasília pedindo mudanças em livros escolares que, segundo elas, discriminam o agronegócio e que, portanto, são inadequados porque ferem atividades econômicas agrícolas; o que se estende para criticar obras de arte que defendem o meio ambiente.

Era esse o teor da exposição "Onde há fumaça há fogo", que se completava com bandeiras compostas por listras horizontais indicando a temperatura média ano a ano desde 1900 (parte inferior) até 2023 (parte superior) nas capitais dos estados brasileiros, exceto Brasília. Nelas, as listras azuis representam temperaturas mais frias; as avermelhadas representam temperaturas mais quentes. Basta olhar para a imagem acima para perceber o aquecimento nos anos recentes dessas cidades.

Os exemplos de ataques woke na sociedade e nas escolas apresentados demonstram, segundo Susan Neiman, que o movimento wokista merece elogios e críticas. Elogios por conscientizar que compreensões sobre universalismo defendidas pela esquerda foram feitas por pessoas majoritariamente brancas, pela soberania de homens e heterossexuais em detrimento de negros, mulheres, pessoas LGBTQIAP+ ou com deficiência, levando a críticas e reivindicações sobre representatividade, lugares de fala, construção de histórias múltiplas e reconhecimento de culturas e artes feitas no mundo todo.

São itens que se encontram e se interseccionam nos debates decoloniais como críticas à colonialidade, compreendida como controladora de poderes econômicos; de autoridade; da natureza e dos recursos naturais; da discriminação de gênero e de sexualidade; do controle da subjetividade e do conhecimento, todos implicantes diretos na educação e na arte-educação; daí resultar em embates e ataques woke, tanto de quem quer destituir esses poderes quanto de quem quer reafirmá-los para que não percam ou os vejam sendo redistribuídos.

Ora, se a educação deve ser democrática, inclusiva, reconhecedora de singularidades, e ao mesmo tempo defensora dos direitos humanos universais, professores, estudantes e todas/os profissionais da educação devem ser respeitados/as, pois, tenha certeza que, quando a educação é ampla e não cala nada nem ninguém, quem ganha somos nós, a sociedade, a humanidade.

Assim, a escuta atenta é de enorme importância. Programas educativos de algumas exposições passaram a ter grupos de escuta como eixos importantes em seus processos de mediação, como o ocorrido na mostra "São Paulo não é uma cidade", realizada em 2017 no SESC 24 de Maio, que teve grupos de escuta com refugiados, imigrantes ou seus descendentes que vivem na cidade de São Paulo.

Em tempos de veloz hipercomunicação em que ouvimos áudios de Whatsapp em velocidade 2.0, em que redes sociais se limitam a textos com 180 caracteres ou vídeos que duram segundos, parar para ouvir é desafio e ao mesmo tempo fundamento para que se reconheça e se respeite o outro, a dissonância e o pensamento divergente, para que se evite o terrível erro de calar ou não escutar, quer sejam locuções verbais ou não.

Utópico tudo isso? Em tempos de distopia, se entendermos utopia como desejo de realização de justiça e inclusões irrestritas e defensoras de toda forma de existir e viver, sim, somos utópicos e, assim como Susan Neiman, sabemos que "as artes podem transformar um pedaço de conhecimento banal em uma verdade que tem o poder de nos comover [...]"

(Neiman, 2024, p. 80). Ela afirma também que "o pluralismo cultural fortalece a solidariedade política, pois quanto mais se conhece outra cultura, maior a probabilidade de sua simpatia por ela crescer" (Idem, Ibidem, p. 82).

Com isso, se entendermos a arte-educação pelo ponto de vista culturalista, a arte é central para a compreensão e o reconhecimento respeitoso da/o outra/o tanto na escola quanto fora dela.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos, MINERINI NETO, José. Democratização da cultura e democracia cultural. In: _____. **Arte-educação em museus, centros culturais e teatros**. São Paulo: SENAC, 2022, p. 128 – 142 (e-book).

_____. A respeito da representatividade de pessoas com deficiência no circuito das artes visuais. In: _____. **Revista Rebento: artes cênicas, artes visuais e arte-educação**. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2023/2024, nº 18, p. 246 – 252. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/783>. Acesso em: 02 fev. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular - Arte. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2019.

CLARK, Kenneth. *The nude: a study of ideal art*. London: Penguin Books, 1985.

Classificação indicativa: guia prático de audiovisual. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/paginas-classificacao-indicativa/CLASSINDAUDIOVISUAL_Guia_27042022versaofinal.pdf. Acesso em: 02 abr. 2025.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DEWEY, John. **Democracia e educação:** introdução à filosofia da educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.

FAEB – FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL. **Carta a favor da liberdade de expressão artística e contra a censura**. Campo Grande: FAEB, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUIDO, Ángel. *Redescubrimiento de América em el arte*. Rosário: Universidad Nacional del Litoral, 1940.

GULLAR, Ferreira. A arte evolui? In:_____. **Argumentação contra a morte da arte**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 53 – 56.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: Sexualidade no Sul Global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LAFONT, Anne. **Uma africana no Louvre**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

LIMA, Diane (org.). **Negros na piscina: arte contemporânea, curadoria e educação**. São Paulo: Fósforo, 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NEIMAN, Susan. **A esquerda não é woke**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2024.

PATRIZIO, Andrew. **O olhar ecológico**: a construção de uma história da arte ecoocrítica. Campinas: Editora UNICAMP, 2023.

PEDROSA, Mario. "O 'bicho-da-seda' na produção em massa". In: MAMMI, Lorenzo (org.). **Mário Pedrosa**: arte, ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 400-405.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**: para familiares e professores. São Paulo: Planeta, 2023.

Programa Escola sem Partido. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/> . Acesso em: 15 fev. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Global, 2023.

SANTO, Boaventura de Sousa. **O fim de um império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte, São Paulo: Autêntica, 2019.

VERGÉS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu, 2023.

Submetido em: 06/05/2025

Aceito em: 01/12/2025